



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
POR OCASIÃO DO 3º ANIVERSÁRIO DA ENCÍCLICA "LAUDATO SI"**

*Sala Clementina
Sexta-feira, 6 de julho de 2018*

[Multimídia]

*Senhores Cardeais
Eminência Diletos irmãos e irmãs
Ilustres Senhores e Senhoras!*

Dou as minhas boas-vindas a todos vós, por ocasião da Conferência Internacional convocada no terceiro aniversário da publicação da Carta Encíclica *Laudato si'* sobre o cuidado da casa comum. Gostaria de saudar de maneira especial Sua Eminência, o Arcebispo Zizioulas, porque foi ele com o Cardeal Turkson que, juntos, apresentaram a Encíclica há três anos. Obrigado por vos terdes reunido para «*escutar com o coração*» o clamor cada vez mais angustiado da terra e dos seus pobres em busca de ajuda e responsabilidades, e para dar testemunho da grande urgência de acolher o apelo da Encíclica a uma *mudança*, a uma *conversão ecológica*. O vosso é um testemunho a favor do compromisso inadiável a agir concretamente para salvar a Terra e a vida sobre ela, a começar pelo pressuposto que «*tudo está ligado*», conceito-guia da Encíclica, na base da ecologia integral.

Também nesta perspetiva podemos ler a chamada que Francisco de Assis recebeu do Senhor na igreja de São Damião: «*Vai e repara a minha casa que, como vês, está em ruínas*». Hoje, inclusive a «*casa comum*», que é o nosso planeta, tem urgente necessidade de ser reparado e garantido para um futuro sustentável.

Nas últimas décadas, a comunidade científica elaborou neste sentido avaliações cada vez mais exatas. «O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual — por ser insustentável — só pode

desembocar em catástrofes, como aliás já está a acontecer periodicamente em várias regiões» (Enc. *Laudato si'*, 161). Existe o perigo real de deixar às gerações vindouras escombros, desertos e imundície.

Portanto, faço votos a fim de que esta preocupação pela condição da nossa casa comum se traduza numa ação orgânica e concertada de ecologia integral. Com efeito, «a atenuação dos efeitos do desequilíbrio atual depende do que fizermos agora» (*ibidem*). A humanidade dispõe dos conhecimentos e dos meios para colaborar em vista desta finalidade e, com responsabilidade, «cultivar e conservar» a Terra de maneira responsável. A este propósito, é significativo que o vosso debate se refira também a alguns acontecimentos-chave do corrente ano.

A Cimeira Cop24 sobre o clima, programada para Katowice (Polónia) em dezembro próximo, pode ser um marco milíario no caminho traçado pelo Acordo de Paris de 2015. Todos sabemos que há muito a fazer para a atuação daquele Acordo. Todos os governos deveriam esforçar-se para honrar os compromissos assumidos em Paris, a fim de evitar as piores consequências da crise climática. «A redução de gases com efeito de estufa requer honestidade, coragem e responsabilidade, sobretudo dos países mais poderosos e mais poluidores» (*ibid.*, n. 169). Não podemos permitir-nos perder tempo neste processo.

Para além dos Estados, são interpelados outros protagonistas: autoridades locais, grupos da sociedade civil, instituições económicas e religiosas podem favorecer a cultura e a praxe ecológica integral. Faço votos para que eventos como, por exemplo, o Summit sobre a ação global para o clima, programado de 12 a 14 de setembro em São Francisco, ofereçam respostas adequadas, com o apoio de *grupos de pressão de cidadãos* em todas as partes do mundo. Como afirmamos juntamente com Sua Santidade o Patriarca Ecuménico Bartolomeu, «não poderá haver uma solução genuína e duradoura para o desafio da crise ecológica e das mudanças climáticas, sem uma resposta concertada e coletiva, sem uma responsabilidade compartilhada e capaz de prestar contas do seu agir, sem dar prioridade à solidariedade e ao serviço» (*Mensagem Conjunta para o Dia Mundial de Oração pela Criação*, 1 de setembro de 2017).

Também as instituições financeiras têm um papel importante a desempenhar, quer como parte do problema quer como da sua solução. É necessária uma mudança do paradigma financeiro, para promover o desenvolvimento humano integral. As organizações internacionais, como por exemplo o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, podem favorecer reformas eficazes para um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável. A esperança é de que «as finanças [...] voltem a ser um instrumento que tenha em vista a melhor produção de riqueza e o desenvolvimento» (Bento XVI, Enc. *Caritas in veritate*, 65), assim como o cuidado do meio ambiente.

Todas estas ações pressupõem uma transformação a um nível mais profundo, ou seja, uma mudança dos corações, uma mudança das consciências. Como pôde dizer São João Paulo II: «É

preciso [...] encorajar e promover a *conversão ecológica*» (*Catequese*, 17 de janeiro de 2001). E nisto as religiões, em particular as Igrejas cristãs, têm um papel-chave a desempenhar. O Dia de Oração pela Criação e as iniciativas com ele ligadas, promovidas no âmbito da Igreja ortodoxa, vão-se propagando nas comunidades cristãs em todas as partes do mundo.

Finalmente, o confronto e o compromisso a favor da nossa casa comum deve reservar um espaço de relevo a dois grupos de pessoas que estão na primeira linha no desafio ecológico integral e que estarão no centro dos dois próximos Sínodos da Igreja católica: os jovens e os povos indígenas, de maneira particular os da Amazónia.

Por um lado, «os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos» (*Laudato si'*, 13). São os jovens que deverão enfrentar as consequências da atual crise ambiental e climática. Portanto, a solidariedade intergeracional não é «uma atitude opcional, mas uma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que não de vir» (*ibid.*, n. 159).

Por outro lado, «é indispensável prestar atenção especial às comunidades aborígenes, com as suas tradições culturais» (*ibid.*, n. 146). É triste ver as terras dos povos indígenas expropriadas e as suas culturas espezinhadas por uma atitude predatória, por novas formas de colonialismo, alimentadas pela cultura do desperdício e pelo consumismo (cf. Sínodo dos Bispos, *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*, 8 de junho de 2018). «Com efeito, para eles, a terra não é um bem económico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter a sua identidade e os seus valores» (*Laudato si'*, 146). Quanto podemos aprender deles! A vida dos povos indígenas é «memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum» (*Discurso no encontro com os povos indígenas*, Puerto Maldonado, 19 de janeiro de 2018).

Caros irmãos e irmãs, os desafios são abundantes! Exprimo a minha sentida gratidão pelo vosso trabalho ao serviço do cuidado da criação, e de um porvir melhor para os nossos filhos e netos. Às vezes poderia parecer um empreendimento muito árduo, porque «há demasiados interesses particulares e, com muita facilidade, o interesse económico chega a prevalecer sobre o bem comum e a manipular a informação para não ver afetados os seus projetos» (*Laudato si'*, 54); mas «os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se» (*ibid.*, n. 205). Por favor, continuai a trabalhar em vista da «mudança radical exigida pelas circunstâncias atuais» (*ibid.*, n. 171). «A injustiça não é invencível» (*ibid.*, n. 74).

São Francisco de Assis continue a inspirar-nos e a guiar-nos neste caminho, e «as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança» (*ibid.*, n. 244). No

fundo, o alicerce da nossa esperança repousa na fé no poder do nosso Pai celestial. Ele, «que nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-lhe tudo, também nos dá as forças e a luz de que necessitamos para prosseguir. No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida, que tanto nos ama. Ele não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!» (*ibid.*, n. 245).

Abençoo-vos. E, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!